



## REFLEXOS DE SI: RESULTANTES DE UMA IMAGEM EM TRANSFORMAÇÃO.

Eriel de Araújo Santos. UFBA

**RESUMO:** Este texto tem como objetivo discutir algumas estratégias artísticas que estabelecem relações entre o tempo, o espaço e a imagem. A análise parte da criação e execução da obra “Refletir na Terra”, desenvolvida numa determinada área da Comunidade Valenciana, na Espanha. Os questionamentos são ampliados para reflexões sobre a imagem-reflexo, representados por meios pictóricos e fotográficos. A resultante desta pesquisa estabelece a fusão entre um passado (fotografado) e um presente (refletido).

**Palavras-chave:** Artes visuais, imagem-reflexo, fotografia.

**ABSTRACT:** *This paper aims to discuss some artistic strategies that establish relationships between time, space and image. The analysis part of the creation and execution of the work “Refletir na Terra”, developed in a particular area of the Valencia Community, Spain. The questionings are enlarged for reflections on the image-reflex, represented by painterly and photographic media. The resultant of this research establishes a fusion between a past (photographed) and a present (reflected).*

**Key words:** *Visual arts, image-reflection, photography.*

Invariavelmente somos afetados pelos agentes físicos, químicos e biológicos, presentes tanto no estado de vigília quanto no estado de sono; assim também, somos induzidos a reagir frente às resultantes de operações humanas que produzem situações capazes de constituir um estado de arte. Entendemos estado de arte o momento em que o artista desenvolve e executa sua obra, bem como as reações e relações criadas a partir dela. Podemos afirmar que as artes visuais contribuem para o surgimento de mecanismos de troca, situados entre a representação e percepção dos fenômenos ocorridos no mundo interior e exterior do homem. Encontramos, então, no corpo humano, o “lugar” onde ocorrem essas trocas; assim, o corpo absorve e responde aos estímulos adquiridos ao longo da sua existência, acumulando informações capazes de construir um tipo de ecossistema estético.

As experiências artísticas contemporâneas, por sua vez, permitem interagir tempos e lugares distintos, seja por meio de dispositivos tecnológicos de migração e transmissão de imagens e dados seja por adaptações de métodos adotados por

artistas em vários momentos da História da arte; assim, o corpo como lugar de passagem se refaz a cada momento, reagindo aos impulsos promovidos pelas imagens, cores, sons, formas, símbolos e aqueles novos sistemas, criados para atender algumas necessidades atuais. Estes, por sua vez, conduzem a produção artística para lugares desconhecidos, à espera de novas descobertas.

Nas investigações artísticas que venho desenvolvendo, são estabelecidas relações conceituais, técnicas e históricas pertinentes a questionamentos sobre o lugar, a imagem e suas transformações, ocorridas durante o tempo. Proponho uma pesquisa que discute o retorno da imagem ao lugar ou situação que lhe deu origem, ou mesmo a criação de outro lugar, imaginado. Assim, na obra “Refletir na Terra”, discute-se a situação de ocupação e crescimento de uma cidade, na qual há mudanças de hábitos e mutações dos ecossistemas naturais e estéticos. O processo de criação para este trabalho passou por diversos caminhos até chegar à sua estrutura final; contudo, os resultados não são estanques, pois a todo instante há mudanças nas configurações das imagens produzidas.

Antes de analisar os resultados alcançados a partir do trabalho citado anteriormente, passaremos a relacionar algumas reflexões sobre o conceito de imagem de um lugar. Verificamos que na História das práticas artísticas os autores sempre estiveram frente aos fenômenos de transformação do mundo e suas possibilidades de representação. Porém, face ao comportamento do próprio homem, algumas mudanças redirecionam seu pensamento para uma representação carregada de artifícios que contribuem para uma reflexão de si e de suas ações.

Os deslocamentos dessas práticas contribuem para pensar sobre a dinâmica de um organismo vivo – a arte. Muitas vezes, contudo, esse organismo adoece, agoniza, grita e regenera-se, usando seus próprios elementos. Assim, nascem as ações artísticas que possuem características híbridas, uma confluência de conhecimentos capaz de suportar ideias que aproximam tempos e lugares distintos. Aqui, verificamos que alguns derivados artísticos são inconstantes, fugazes, inapreensíveis como o real.

Aquilo que vemos e percebemos é uma soma dos estímulos oriundos da pulsão escópica, associados àqueles armazenadas na memória. Assim, nosso corpo processa tais estímulos e produz um estado necessário à sobrevivência da Arte.

Percebemos que na produção de uma imagem é exibida uma parte do todo, que se encontra em constante mutação, seja pelas qualidades físicas seja pela fruição contaminada pelo imaginário, uma imagem em constante transformação. Assim, como afirma Jean-Marie Schaeffer:

O momento propício é o instante astigmático no qual a totalidade re(a)presenta-se, ou pelo menos anuncia-se, na impressão, transformando-a em mônada. A imagem não é mais o registro do tempo aberto que se esvai, mas a representação da temporalidade cíclica de um organismo fechado em si mesmo. A eternidade e a permanência que tentamos reter desesperadamente ao longo da existência, cremos poder salvaguardar na imagem artística. (SCHAEFFER, 1996, p.187)

Neste sentido, verificamos que parece estarmos constantemente resgatando fragmentos de um espelho do universo. Numa tentativa para ativar a apetição a partir da arte. Assim, somos impelidos continuamente de uma percepção a outra, nas quais o signo é responsabilizado pelo trânsito entre o real e o representacional, o visível e o invisível. Essa mobilidade tende a manter continuamente certa harmonia interior dos corpos participantes do organismo artístico.

O espelhamento, por sua vez, nos aproxima à visibilidade do real; contudo, suas características físicas são limitadas, e quando manipuladas promovem ruídos nas imagens que vemos, nos conduzindo a inúmeras possibilidades de estar numa ambiência imagética. Na obra de Richard Estes ou na obra de Veronika Kellndorfer verificamos que a representação do reflexo compactaliza momentos e lugares distintos numa mesma superfície. Os métodos de trabalho usados por esses artistas são a pintura e a serigrafia, respectivamente.

Nos trabalhos desenvolvidos por Richard Ester, por exemplo, o instante refletido numa determinada superfície é rerepresentado por meio da pintura óleo sobre tela, acrílica ou guache. Durante o processo construtivo da obra, outros meios de captura e materialização da imagem atravessam os interesses e estratégias criadas pelo artista.



Imagem 1. Richard Ester. *Telephone Booths*. 1968. Óleo sobre tela.

As imagens apresentadas por Ester querem chamar a atenção para aquelas situações em que múltiplas cenas se acoplam numa mesma superfície (imagem1). Contudo, ele escolhe a representação da representação para alcançar seus objetivos, uma pintura mais que realista. Ao pensar que o processo criativo em artes visuais é um organismo vivo, ele está sujeito a sofrer várias transformações durante sua elaboração e existência. Mesmo quando deixa de existir fisicamente, estará presente na memória, ativando nossa imaginação e conseqüentemente contribuindo para a fruição da vida.

Reencarnar uma situação vivida a partir da representação artística é mais que um espelhamento, é criar a possibilidade para ampliar o que se apresenta no real. Como afirma Didi-Huberman (2012, p.101): “... a perfeição em pintura sempre foi sonhada como a compossibilidade da parte e do todo.” Assim, Richard Ester e outros artistas procuram respostas para as relações entre os fragmentos de imagens que acumulamos em nossa memória e a obra de arte.

Veronika Kellndorfer defende uma representação em superfícies semelhantes àquelas que originaram suas iamgens. São imagens produzidas a partir de reflexões e transparências capturadas de objetos arquitetônicos envidraçados. Os pontos de tinta sobre as lâminas de vidro ocupam áreas em que nosso olhar esbarra e proporciona uma visão de profundidade momentânea. Assim, a cada trabalho

elaborado em grandes dimensões, ela comunga o espaço representado com detalhes presentes na parte anterior e posterior da obra, quando apresentada em outros lugares.



Imagem 2. Veronika KelIndorfer. *Lovell Beach House*. 2010. Silkscreen sobre vidro, 293 x 402 cm.

A imagem da transparência é fixada numa impressão reticular sobre vidro, com isso Veronika atribui uma sensação de “estar de novo”, uma espécie de retorno à situação de visibilidade de imagens através da transparência, opacidade e reflexão. As situações escolhidas por ela são transportadas para um “outro” lugar, agora configuradas numa linguagem artística.

Os resultados obtidos nestes trabalhos evidenciam as contribuições que o tempo e o lugar, onde estarão expostas as obras, poderão acrescentar valores estéticos a ela, seja pelos reflexos e atravessamentos visuais dos detalhes do espaço sejam pela temperatura de cor atribuída à iluminação natural ou artificial existente no ambiente.

A luz é um dos principais, senão o principal elemento responsável pela elaboração e fruição de uma obra de arte. Vale salientar, contudo, que percebemos uma pequena parcela da luz, a faixa do visível. Este lugar traduz uma correspondência entre os fenômenos físicos e a pulsão escópica, pois de maneira indireta, os raios refletidos dos materiais que estão à nossa frente entram em

contato com nossos olhos e daí surgem as reações inerentes ao nosso organismo. Um sistema que envolve um entre: imagem e memória, presente e passado, ativo e passivo.

Convergindo este pensamento para imagens encontradas em superfícies espelhadas, podemos dispor algumas considerações pertinentes às experiências artísticas com uso de superfícies espelhadas, como verificadas em obras elaboradas por Michelangelo Pistoletto, Robert Morris, Anish Kapoor entre outros. Para estes artistas o valor reflexivo é parte inerente às suas estratégias artísticas, nas quais o conceitual e o material se unem para formar um elo importante em suas poéticas criadas a partir de imagens-reflexo.

Para o artista Vik Muniz (2007, p.113), por exemplo, “Seguramente, foi o reflexo que levou o homem a entender o que é a imagem. Deve ter sido pelo reflexo que o homem pela primeira vez percebeu o passado como um fato do destino.”. A imagem presente numa determinada superfície espelhada parece aguardar por um “milagre”, sua fixação. Durante minha pesquisa como artista visual, o espelho participa de alguns procedimentos, associando-o a uma imagem fotográfica, adesivada sobre o mesmo. Assim, as características da superfície espelhada ocupa o lugar do branco na fotografia. Esse processo permitiu articular uma reflexão sobre a fotografia e procedimentos artísticos contemporâneos.

Ao passarmos, ou mesmo permanecer em frente a obras elaboradas em superfícies espelhadas, imediatamente percebemos nossa participação. Como afirma Michelangelo Pistoletto (2000, p.30): “Nada pode escapar do espelho. O grande espaço está no espelho, o tempo (inteiro) já está no espelho e o espaço tem a dimensão do tempo.”. A superfície espelhada, então, absorve o fluxo cotidiano do espaço em que se encontra exposto e problematiza o passado, o presente e o futuro.

No desenvolvimento da obra “*Refletir na Terra*” foram determinantes os pressupostos em que se deu a concorrência para a apresentação da proposta. A ideia principal partiu da escolha de um determinado espaço, definido pelos organizadores do “*EstiuArt Intervenciones*”, para ocupar uma área específica da comunidade valenciana, na Espanha. Ao visitar o local, pude perceber que existia

um movimento de ocupação de áreas verdes por estrangeiros na cidade de Gata de Gorgos, próximo ao morro de Jesus Pobre, pertencente à comunidade valenciana.

A primeira etapa se deu pelo reconhecimento da área e registro fotográfico. Em seguida defini o local para a ação fotográfica e instalação da obra, uma espécie de “ponto zero”; ou seja, o limite entre a área urbana e a área rural. Seguindo a série de projetos que desenvolvo com uso de imagens fotográficas adesivadas sobre espelho, elaborei o projeto “*Refletir na Terra*”.

Nesse trabalho, os registros fotográficos representam algumas variáveis do lugar, somados às contaminações visuais que as imagens, adesivadas sobre o espelho, irão “absorver”. Em razão do seu caráter reflexivo, a obra propunha discutir o devir de um lugar, suas mutações e regenerações, um organismo vivo que agora é representado por uma imagem em constante mutação. Ao falar que uma imagem fotográfica se caracteriza por um testemunho visual de aparências, e que pode conter uma carga de informação capaz de dilatar nossa percepção para além do que vemos, Kossoy afirma:

Uma única imagem contém em si um inventário de informações acerca de um determinado momento passado; ela sintetiza no documento um fragmento do real visível, destacando-o do contínuo da vida. O espaço urbano, os monumentos arquitetônicos, o vestuário, a pose e as aparências elaboradas dos personagens estão ali congelados na escala habitual do original fotográfico: informações multidisciplinares nele gravadas – já resgatadas pela heurística e devidamente situadas pelo estudo técnico-iconográfico – apenas aguardam sua competente interpretação. (KOSSOY, 1989, p.69)

Contudo, quando se trata de uma imagem sobreposta a seu próprio reflexo, a soma de informações apreendidas dessa superfície, delata algo de impróprio à imagem como documento, porque se apoia num devir. Como se fosse possível transformar uma situação fotográfica estática numa aparente dinâmica dada pelas características da reflexão.

Diferentemente das obras produzidas anteriormente, onde as imagens eram adesivadas numa superfície plana e suspensas numa parede, nesse projeto escolhi a forma cúbica para compor o trabalho. Esta escolha se deve por uma associação entre o cubo como elemento representativo da terra e a possibilidade de sua adaptação a uma sequência panorâmica do espaço geográfico. Uma realidade

geográfica refletida em sua própria imagem e transfigurada pela substituição do papel fotográfico por uma superfície espelhada. Assim, pode garantir uma constante transformação da imagem a partir dos eventos naturais e sociais, existentes no lugar. Como afirma Milton Santos:

... a realidade de uma cidade, de um campo cultivado, de uma rua, é a mesma coisa para todos os indivíduos. É a realidade de cada indivíduo que o autoriza e o leva a ver as coisas sob um ângulo particular... o espaço é um fato social, um fator social e uma instância social. (SANTOS, 2004, p.161-163)

O morro de Jesus Pobre é formado por uma população integrada à cidade de Dénia, na Espanha, que conta com aproximadamente 600 habitantes, situada numa área privilegiada que tenta manter uma estrutura de desenvolvimento e crescimento controlado. A obra foi instalada no “*Cami del Depòsit*”, no início da subida da montanha, marco que considero divisor entre as ruas típicas da cidade e a área rural.

Elaborei duas sequências fotográficas panorâmicas do lugar, em seguida as imagens foram transferidas para lâminas de vinil adesivo transparente e adesivadas nas faces de dois cubos de madeira revestidos de espelhos (imagens 3 e 4). Estes cubos foram instalados exatamente onde se encontrava meu corpo durante o ato fotográfico, determinado pelo deslocamento rotacional e translacional junto à câmera fotográfica.



Imagem 3 e 4. Eriel Araújo. Projeto “*Refletir na Terra*”. Etapas de construção das peças para instalação em Jesus Pobre – Comunidade Valenciana – Espanha.

As discussões sobre a fotografia e suas características representacionais de uma parte do fluxo das coisas, parecem dividir opiniões. E o espelho, que considero suporte momentâneo para registro de uma imagem em fluxo, participa de poéticas que alargam a questão da imagem fotográfica para um estado fugaz. A fusão da



imagem de um detalhe de um lugar e seu reflexo, juntos numa mesma superfície, parece traduzir uma poética calcada num presente contínuo da fotografia.

Os dois panoramas foram adaptados às superfícies dos cubos, e a partir de então, estariam condenados a sofrer todas as influencias do ambiente. Ao ver a obra no local definido, poderíamos pensar sobre a expansão das cidades em direção à área rural, um reflexo do crescimento humano e descontrolado ambiental. Contudo, tais leituras parecem apontar apenas algumas interpretações geradas a partir da experiência com a obra. Outras associações vêm surgindo desde o início da sua construção e, por fim, instalação; um organismo vivo em que o passado e o presente convivem numa mesma superfície.



Imagem 5. Eriel Araújo. “*Refletir na Terra*”. Fotografia em vinil transparente sobre espelho, sobre madeira. Dimensão variável. Intervenção urbano-rural. Jesus Pobre – Valencia – Espanha.

O “realinhamento improvável” das imagens fotografadas e aquelas refletidas sobre a mesma superfície dão lugar a novas experiências visuais e, conseqüentemente, outras conquistas do olhar, no qual o ato fotográfico e a

materialização das imagens resultantes contribuem para um redirecionamento dos modos de ver o mundo.

Ao roçar o passado num presente contínuo e a escolha de um lugar próximo ao núcleo urbano, convertendo-o em seu “Quilômetro zero” particular, os cubos apontam reflexões sobre o lugar e suas manifestações geográficas e sociais. A imagem parece alcançar uma espécie de abismo, pois ela “olha” e reflete a si mesma, promovendo assim um encontro do passado (fotografado) com o presente (reflexo), uma tentativa de aproximar dois tempos numa mesma superfície plana. Uma imagem que está sempre se contaminando com o fluxo da vida.

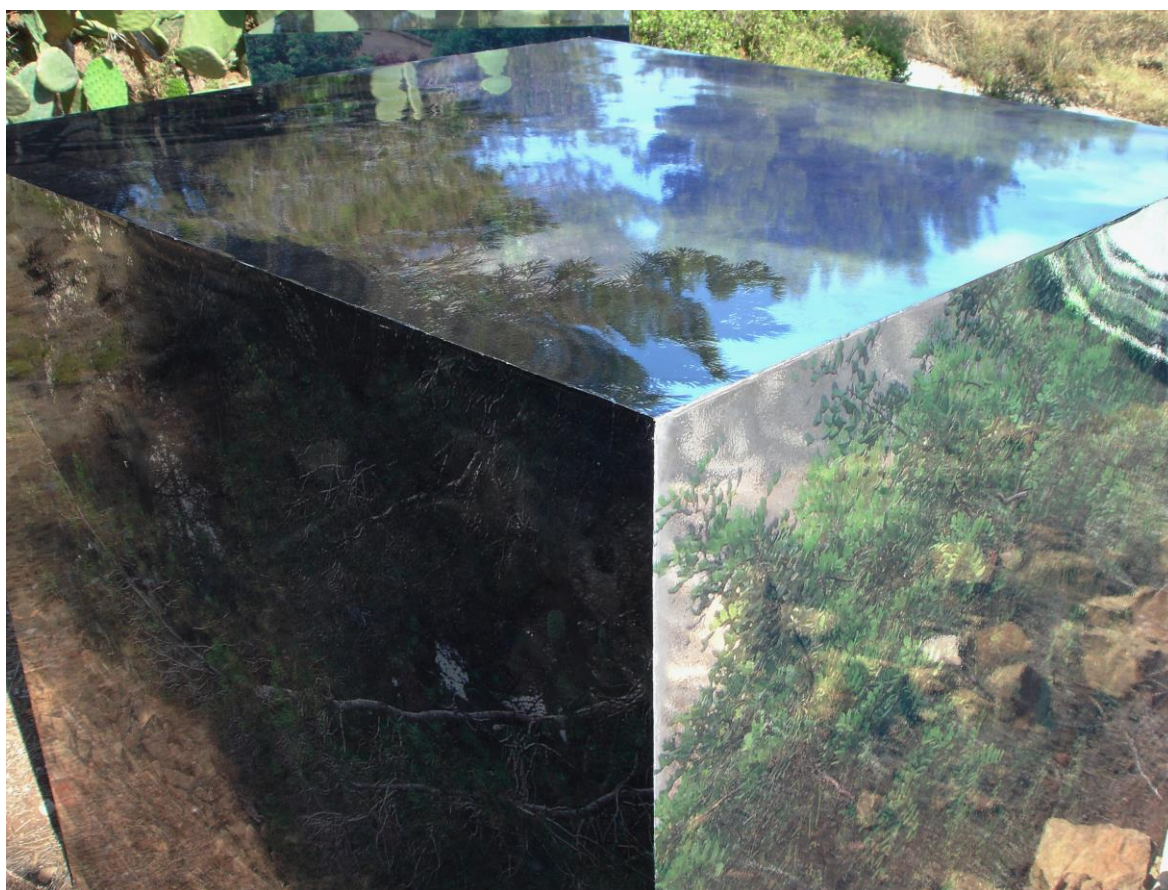


Imagem 6. Eriel Araújo. “Refletir na Terra”. Foto detalhe. Fotografia em vinil transparente sobre espelho, sobre madeira. Dimensão variável. Intervenção urbano-rural. Jesus Pobre – Valencia – Espanha.

#### REFERÊNCIAS:

DIDI-HUBERMAN, Georges. **A pintura encarnada**. Tradução de Osvaldo Fontes Filho e Leila de Aguiar Costa. São Paulo: Escuta, 2012.

FOSTER, Hal. **El retorno de lo real: la vanguardia a finales de siglo**. Madrid: Akal, 2001.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ática, 1989.

MUNIZ, Vik. **Reflex: Vik Muniz de A a Z**. São Paulo, 2007.

PISTOLETTO, Michelangelo. **Michelangelo Pistoletto**. Barcelona: MACBA, 2000.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica**. EDUSP: São Paulo, 2004.

### **Eriel de Araújo Santos.**

Artista visual. Doutor em Artes Visuais pela UFRGS/Brasil – UPV/Espanha. Professor da Escola de Belas Artes da UFBA. Atua como professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFBA, atualmente é coordenador do Programa. Desenvolve pesquisas em artes visuais com ênfase nos processos criativos híbridos. É líder do Grupo de Pesquisa Arte Híbrida.